

**ENSINAR E APRENDER PELA PESQUISA:
UM DESAFIO PARA UMA FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORES**

*A Challenge for a Continued Formation
of Professors*

Sonia Maria Piccoli¹
Roque Moraes²

RESUMO: O texto discute uma possibilidade de a escola e os professores criarem outras formas de trabalhar em sala de aula através da proposta de educar pela pesquisa, bem como, dos professores compreenderem a necessidade da educação ser continuada. A seguir, descrevemos como a opção pela proposta de educar pela pesquisa é uma possibilidade de transformar as práticas atuais da sala de aula em outro fazer docente. Os professores são desafiados a construírem ações que possibilitem o recriar do diálogo, da autonomia e da capacidade argumentativa, no grupo de professores e, por consequência, nos alunos. Descrevemos como pode acontecer a evolução de um grupo de professores com a vivência da proposta de educar pela pesquisa e, como isso pode se constituir em compreensão da necessidade da educação continuada dos professores.

¹ Sonia Maria Piccoli – Mestre em Educação.PUC/RS. Professora do Dep. de Ciências Humanas.URI/Santo Ângelo. E-mail: spiccoli@urisan.tche.br; spicc@terra.com.br

² Roque Moraes – Professor Doutor PUC/RS e orientador da dissertação.

No conjunto dos argumentos, defendemos a organização de professores em grupos de pesquisa como modo de educação continuada. Após a vivência com a proposta de formação continuada com base no educar pela pesquisa, podemos afirmar que a simples alteração da proposta de trabalho em sala de aula não é suficiente para a transformação da prática do professor, pois o mais importante é ser capaz de perceber os movimentos que se instalam na sala de aula, nos professores e nos alunos. Tudo isso, são fundamentos que nos permitem ver a proposta de educar pela pesquisa, não como a única, mas como uma das possibilidades de alterar o fazer/docente em sala de aula, bem como as ações dos professores. Sendo assim, acreditamos que o êxito da sala de aula gira em torno da competência e do compromisso do professor consigo mesmo, ao longo de sua profissão e de sua existência.

PALAVRAS-CHAVE: Educar pela pesquisa, Formação continuada de professores, Diálogo, Autonomia, Capacidade argumentativa.

ABSTRACT: The text discusses the possibility for schools and teachers to create other ways of working in schools by educating through research as well as convincing the teachers to understand the necessity for a continued education. We also explain the proposal to teach through research by suggesting further teaching methods. Teachers are challenged to build up actions able to lead to the recreation of dialogue, autonomy and to provoke the argumentative capacity in teachers and in students. We describe how this methodology can evolve in a group of teachers who are engaged in teaching through research and committed to a continued teaching process. After experiencing this proposal we can conclude that it isn't enough to change the methodology in class by using research as the main teaching tool: the most outstanding fact is to observe the new attitudes which occur in the classroom, in teachers and in students. This fact leads us to the conclusion that the proposal to teach through research isn't the only valid way to teach in the classroom but just as one of the possibilities to alternate and innovate in the teaching process. Concluding, we believe that the success in the classroom depends on the competence and the compromise of the teachers with themselves along their profession and their existence.

KEY-WORDS: educating through research, continued education of teachers, dialogue, autonomy, argumentative capacity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto apresenta alguns resultados de uma pesquisa-ação desenvolvida com um grupo de professores de uma escola pública em resposta a um desafio de agir/refletir, refletir/agir sobre sua prática, tendo como foco o educar pela pesquisa.

No texto defendemos que esse tipo de pesquisa é modo de encaminhar transformações nas teorias e práticas dos participantes, processo de formação continuada em que cada um pode construir seu próprio caminho de mudanças.

O texto discute uma possibilidade de a escola e os professores criarem outras formas de trabalhar em sala de aula através da proposta de educar pela pesquisa, bem como, dos professores compreenderem a necessidade da educação ser continuada. Inicialmente, apresentamos uma abordagem de como os professores podem se constituir em suas práticas de sala de aula, juntamente com seus alunos, sustentados por uma relação entre teoria e prática. Em seqüência, focalizamos a necessidade da construção de um caminho próprio, tendo em vista que a proposta de educar pela pesquisa não apresenta passos a serem seguidos, por isso uma construção pessoal desse caminho se torna necessária. A seguir, descrevemos como a opção pela proposta de educar pela pesquisa, é uma possibilidade de transformar as práticas atuais da sala de aula em outro fazer docente, em que os professores são desafiados a construir ações que possibilitem o recriar do diálogo, da autonomia e da capacidade argumentativa, no grupo de professores e, por consequência, nos alunos. Finalmente abordamos como pode acontecer a evolução de um grupo de professores, com a vivência da proposta de educar pela pesquisa e, como isso pode se constituir em compreensão da necessidade da educação continuada dos professores.

No conjunto dos argumentos defendemos a organização de professores em grupos de pesquisa como modo de educação continuada. Esses grupos terão possibilidades ampliadas de produzi-

rem efeitos significativos quando organizados em torno do educar pela pesquisa.

O INICIO...

O trabalho com professores dispostos a reverem suas ações docentes através da proposta de educar pela pesquisa pode ser iniciado com estudos de textos referentes ao que já existe sobre este assunto. Ao se trabalhar com professores é evidente a multiplicidade de individualidades, as diferentes compreensões que possuem sobre o que significa pesquisar. Além disso, muitas vezes observa-se a ausência de um outro olhar sobre os acontecimentos em sala de aula que não represente o papel do professor apenas com a transmissão dos conteúdos, e com a cópia da cópia. Com isso, são necessários estudos e debates sobre olhares mais atuais a respeito da educação, a fim de que os professores se permitam outras oportunidades para fundamentar as práticas pretendidas em sala de aula.

Como a prática é mediatizada pela relação do professor com a teoria, essa mediatização precisa incluir possibilidades e desejos de superar ações docentes geradoras de conflitos e inquietudes entre professores e alunos, inibindo, assim, os pragmatismos comuns no meio educacional. São esses desejos, juntamente com a proposta de educar através da pesquisa em sala de aula, que podem contemplar as necessidades dos professores, dispostos a alterar sua forma de trabalho em sala de aula e, assim compreender que a educação deve ser continuada.

A teoria precisa ser apontada como a possibilidade de encontrar fundamentação para as alternativas de mudança e também de explicações que justifiquem essas alterações que podem ocorrer também na postura do professor para melhor conduzir o trabalho com pesquisa, em sala de aula, nesse tempo.

Os estudos teóricos podem abranger não somente a compreensão do que é educar pela pesquisa, mas também tratar de estabelecer diálogo com a teoria sobre outras questões que permeiam o cotidiano da sala de aula. Tais questões referem-se a atitudes, valores, relações interpessoais, acolhimento, reflexões permanentes so-

bre as ações e, conseqüentemente, melhor compreensão sobre as reações dos professores nos momentos em que ocorrem os movimentos de aprendizagem.

Não é possível que as discussões e as reflexões que acontecem, fiquem apenas nos relatos que as leituras e as experiências proporcionam a cada um. Podemos ir além, buscando na bibliografia, no exercício dialógico, na construção da autonomia e no desenvolvimento da capacidade de argumentação, amparo e embasamento para a proposição de agir/refletir e refletir/agir sobre a teoria e a prática que realiza em sala de aula com os alunos. Nas buscas e tentativas de um trabalho amparado na pesquisa, encontramos colocações feitas por Demo (1998, p.10), que fortalecem essa idéia, quando ele afirma que: “Noutra parte, pesquisa precisa ser internalizada como atitude cotidiana, não apenas como atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais. Ao contrário, representa, sobretudo a maneira consciente e contributiva de andar na vida, todo dia, toda hora”.

Para tornar a pesquisa em sala de aula um princípio didático, é preciso, entretanto, superar a concepção da aprendizagem através de conceitos e de definições, a qual representa, na escola tradicional, a ação inicial da aprendizagem.

Sendo assim, para alterar uma proposta de trabalho em sala de aula, deve-se ter em vista melhorar a aprendizagem dos alunos, e isso é possível, desde que o professor acredite na sua escolha e observe o que acontece nos movimentos de aprendizagem, incluindo nesse processo tanto os seus movimentos como de seus alunos. A operacionalização da proposta de educar pela pesquisa, permite observar como a mesma pode ser assimilada e administrada pelos envolvidos. A teoria é a sustentação que viabiliza o constante ir e vir nos momentos em que as rupturas se fazem necessárias para o avanço e a compreensão do processo de ensinar e de aprender pela pesquisa.

Por isso, a importância da teoria embasar a prática, e a mesma não é algo que os professores em geral, acolhem com satisfação. Mesmo não duvidando da sua necessidade e sentindo que precisam dela para tornar coerente o que dizem e o que fazem, os professores demonstram muitas vezes não terem consciência das teorias que os orientam. Apesar desse distanciamento, a tentativa

de coerência entre teoria e prática deve estar presente durante qualquer trabalho relacionado com a educação. Isso representa, tanto para os professores quanto para os alunos, também uma forma de aprendizagem.

O trabalho com pesquisa pode tomar rumos imprevisíveis, se a intenção educativa do professor não estiver bem definida. Acreditamos que as discussões teóricas é que contribuem para a definição daquilo que professores e alunos desejam, e entendemos, também, que isso não significa uma determinação de como os alunos devem fazer, mas um espaço em que eles se movimentam na procura do que ainda não sabem.

Como não há receita para aplicação, no caso, desta proposta, é preciso que aos poucos, professores e alunos comecem a enxergar-se de outra forma e iniciem a soltar-se da passividade existente até então na sala de aula. Passem a perceber que estão diante de situações em que precisam atuar de outra maneira, ou seja, tomar decisões, pensar soluções, respeitar opiniões, oferecer exercícios antes não praticados e que envolvem a reflexão sobre a temática trabalhada no momento.

Em vista disso, pode ocorrer, a constatação da necessidade de cada um construir, com seus alunos, o caminho a ser percorrido nesse processo. Com isso, os avanços são cada vez maiores e com uma melhor compreensão sobre a questão do que significa educar pela pesquisa. Afirmamos que, nessas constatações, a relação com a teoria torna-se cada vez mais íntima e necessária, sustentando as ações que a proposta de educar pela pesquisa provoca nos professores. A relação teoria e prática impele-os a assumirem-se como sujeitos de suas propostas e autores de suas intenções, permitindo-lhes descobrir caminhos para o seu fazer/docente, que antes não imaginavam existir.

A CONSTRUÇÃO DO PRÓPRIO CAMINHO

Ao realizar pela primeira vez um trabalho, existe a tendência de pensar que, para a efetivação da proposta de educar pela pesquisa, é necessário trilhar um caminho que já existe. Isso é até

certo ponto compreensível, pois, por muito tempo, prevaleceu o entendimento de que, para aprender, bastava copiar e repetir.

Para, no entanto, avançar na compreensão do ainda não realizável, não basta conhecer o que já existe, é preciso propor um modo próprio de entender e, a partir desse novo enfoque, ter outro olhar além daquele já construído por outras pessoas. Com isso, referimo-nos, em especial, à vivência da proposta de educar pela pesquisa. A percepção da necessidade de construção de um caminho específico torna-se o indicativo do envolvimento e do desejo que os professores demonstram ao tentar vivenciar outra proposta de trabalho em sala de aula.

Nas situações que se apresentam em sala de aula, que são sempre imprevisíveis, os professores devem procurar observar os movimentos que se instalam na mesma, com o objetivo de compreender a relação causa e efeito e o modo como isto acontece. Da mesma forma, é interessante se permitir e tentar entender como eles próprios e também os alunos estão vivenciando o processo de alteração metodológica.

Conseqüentemente isso gera por parte dos professores, momentos de insegurança e medo. Tal reação pode ser considerada tendo como causa a vivência da proposta de educar pela pesquisa, que não se apresenta como algo pronto e definido, fator que normalmente acompanha outros tipos de propostas de trabalho/docente. E é devido a isso que o ensinar pela pesquisa necessita de envolvimento e de explicitação clara da intenção, do que está sendo proposto.

Com a vivência dessas situações, é possível perceber, como a possibilidade de mudança, através da utilização de outra proposta de trabalho em sala de aula, faz com que venham à tona questões que envolvem não apenas o fazer docente, mas também a pessoa do professor, por isso é preciso estar inteiro no processo de mudança, qualificar suas ações, indispensáveis na contemporaneidade.

Acreditamos que, para qualificar as ações docentes, é necessário conhecer o que se entende por um professor reflexivo. E, por professor reflexivo, entendemos um profissional capaz de rever e de refletir constantemente sobre o que faz, e por que faz da maneira que faz. Na tentativa de esclarecer melhor, sobre esse profissional, encontramos em Perrenoud (2002, p.13) a declaração que diz:

“A autonomia e a responsabilidade de um profissional dependem de uma grande capacidade de refletir em e sobre sua ação. Essa capacidade está no âmago do desenvolvimento permanente, em função da experiência de competências e dos saberes profissionais”.

Na medida em que os professores tornam-se cada vez mais sujeitos de suas propostas, conseguindo cada vez mais se aproximar do ponto de equilíbrio que o trabalho com pesquisa exige, é possível através das suas compreensões e até mesmo de suas resistências, visualizar os caminhos ou as trajetórias que estão sendo seguidas com os alunos. A partir dessa compreensão, é possível começar a perceber as conseqüências advindas desses encaminhamentos.

Por isso, trabalhar com pesquisa na sala de aula, através de um caminho construído pelo professor, significa que a proposta oferece possibilidades diferenciadas para utilizar como metodologia, sendo, ao mesmo tempo, oportunidade de o professor tornar-se reflexivo de suas práticas pela necessidade constante de refletir sobre suas ações. Implica também realizar exercícios sobre a mudança pretendida, utilizando o diálogo, a autonomia e a capacidade argumentativa para esse fim e, dessa maneira, estar continuamente aprendendo e qualificando as ações docentes.

EXERCÍCIO DO DIÁLOGO, DA AUTONOMIA E DA CAPACIDADE ARGUMENTATIVA

Diante da possibilidade de mudança da prática docente, os professores são desafiados a exercitar o diálogo, como forma de explicitar claramente o pensamento sobre as pretensões relativas à aprendizagem esperada dos alunos. Além disso, o diálogo constitui-se como pressuposto para a vivência da pesquisa em sala de aula, resultando daí sua importância na comunicação do desejado. Por isso, a importância do professor estabelecer com os alunos uma comunicação adequada, que seja reveladora de suas intenções e sem a presença de imposições. A mesma deve ser percebida sempre como inacabada, e também com possibilidades de acréscimos de ambas as partes.

A utilização do diálogo é a possibilidade de encontrar as melhores respostas para os problemas que ele próprio, acompanhado de questionamentos, cria e movimenta durante a aprendizagem com pesquisa na sala de aula.

No trabalho com pesquisa em sala de aula, não há como prever os fatos que irão acontecer, e que atitudes podem ser tomadas antecipadamente. Existe a possibilidade de os professores estarem abertos a elas, e de utilizarem o diálogo como técnica permanente e meio de avançar significativamente no trabalho com pesquisa. Diante dessa afirmação, concordamos com Moraes (1998) quando, em um de seus textos, afirma:

A utilização da pesquisa em sala de aula implica em transformar os encontros entre os sujeitos em oportunidades de diálogo. Isto possibilitará a construção e reconstrução de conhecimento, através do permanente questionamento dos conhecimentos que os componentes do grupo já possuem. Neste sentido sempre se partirá do ponto de vista de que todos têm conhecimentos para se envolverem no diálogo.

Aproveitar os conhecimentos que os alunos possuem e considerar os mesmos como ponto de partida para avançar nas questões da aprendizagem são questões que os professores precisam superar para, assim, desfazer a crença de que “qualquer um pode ser professor, bastando que transmita receitas, imponha moral e cívica, distribua conselhos, dê aula” (DEMO, 1998, p.10).

Ultrapassar esse conceito faz parte do desafio aos professores que pretendem alterar o seu fazer docente, através da vivência com a proposta de educar pela pesquisa em sala de aula. Através dessa ultrapassagem, os professores podem constatar a concepção errônea adquirida ao longo da experiência e da vida sobre o ensinar e o aprender.

Os professores precisam compreender que a evolução do conhecimento e a construção do professor são processos contínuos e que, no ato de ensinar, existe o confronto com dificuldades, obstáculos e resistências. É justamente nesse ponto estratégico que os professores precisam apresentar competência para a superação; entendemos, também, que, no encontro com o outro, viabilizam-se os meios para descobrir a melhor alternativa.

Na medida em que os professores avançam com o trabalho de pesquisa em sala de aula, o diálogo passa a ser mais significativo e, com isso, as dificuldades tornam-se menores, embora em nenhum momento desapareçam, já que, a cada passo à frente, surge novo obstáculo. Mesmo assim, é possível sentir-se fortalecido e a idéia preponderante é de que ninguém caminha sozinho no desafio de educar pela pesquisa, mesmo que por caminhos diferentes.

São esses caminhos e esses movimentos que permitem aos professores compreender a necessidade de desenvolver nos alunos a capacidade de trabalhar em sala de aula com autonomia.

Através do movimento de procura dos alunos, gerado pelo educar pela pesquisa, as “certezas” dos professores ficam abaladas, pois, em vista disso, precisam se desacomodar, obrigatoriamente, da sabedoria e da certeza, que acreditavam possuir, para poder entender e mediar as necessidades dos alunos, num trabalho com pesquisa. Nesse ponto é que se efetivam, no nosso modo de entender, as ações sobre o recriar da autonomia, do diálogo e da capacidade argumentativa. Ao mesmo tempo, esse processo significa um grande entrave, já que essa efetivação depende do “querer”, do “ter vontade” e da “disposição do professor” em correr os riscos de assumir as mudanças metodológicas, visando à transformação da sala de aula.

Os diálogos, acompanhados de autonomia, se estabelecem entre professores e alunos, a fim de definir os rumos que pretendem tomar com esses estudos. Igualmente, servem para que eles definam sua utilização, o local onde aplicam e o que cada um dos envolvidos pode fazer a fim de contribuir para efetivar a proposta. Em vista disso, o entorno e as conseqüências da proposta passam a ser discutidas e, nesse ponto, os conteúdos são chamados espontaneamente para auxiliar a esclarecer. Essa situação é desencadeadora de outras e, nesse clima, a proposta efetiva-se, fazendo emergir a presença da interdisciplinaridade de maneira natural e espontânea.

Conseqüentemente, os professores passam a não mais agir para os alunos, mas a interagir com eles. Todos os envolvidos iniciam, dessa forma, a tornar-se sujeitos do processo de ensinar e de aprender. Os professores, com essas ações sentem-se mais confiantes em suas capacidades e competências ao realizar outro tipo de

trabalho em sala de aula, ou seja, a alteração da proposta de trabalho em sala de aula.

Há, portanto, necessidade de a escola ser a provocadora das transformações, possibilitando, através dessa postura, que os professores se tornem capazes, primeiramente, de investigar suas ações para, após, possibilitar as mudanças aos seus alunos. Com isso, haverá, então, a oportunidade de mais uma vez realizar o exercício da reflexão/ação; ação/reflexão, como forma de transformar-se para transformar a realidade em que vive.

O observar e o ouvir dos professores em sala de aula, bem como o exercício do questionamento recebido dos alunos e devolvido para eles através do diálogo, as anotações, os registros e a elaboração de sínteses, são ações que devem ser trabalhadas pelos professores, com o objetivo de desenvolver a capacidade de argumentação através da proposta de educar pela pesquisa.

Essas ações, o diálogo, a autonomia e a capacidade argumentativa fazem parte do caminho que cada professor deve construir com sua autonomia, ao se propor alterar sua metodologia de trabalho em sala de aula, e é também o que possibilita qualificar as ações docentes, além do professor estar continuamente revendo suas posições.

A EVOLUÇÃO DOS PROFESSORES ACONTECE DE FORMA PROGRESSIVA E DIFERENCIADA

Decidir encarar uma mudança na vida profissional é uma tarefa que tem implicações com todos os que se envolvem neste propósito. Ao trabalhar com professores dispostos a alterar o seu fazer pedagógico, é preciso observar o que ocorre nesse processo até começar a perceber sinais demonstrativos da evolução do mesmo. A busca dos professores pela alteração de seu trabalho em sala de aula não é uma tarefa simples, tendo em vista as suas individualidades e a própria proposta escolhida. Encontramos, no pensamento de Marques, (1995, p.117) confirmação de que as mudanças necessárias na educação passam obrigatoriamente pelo espaço

da sala de aula e pelo desejo dos professores em assumir a mesma como parte de seu projeto de vida. Compactuamos com ele, quando assim se expressa:

Na docência se configura o compromisso básico do profissional da educação. É ela a responsabilidade social muito concreta do professor que tem na sala de aula seu campo eminente de luta política e sua trincheira por excelência (OLIVEIRA; BETTY, 34-40). Significa uma presença muito concreta, qualitativamente da presença abstrata e ausente mediada pelos meios eletrônicos e pelos audiovisuais. O professor fala, mas sua palavra não é somente uma palavra diante da classe, é uma palavra dentro, com e para a classe.

É importante colocar que os professores revelam que sentem dificuldade em organizar-se pessoalmente para colocar em prática a proposta de educar pela pesquisa, atribuindo essa dificuldade aos assuntos da sua disciplina, ao conteúdo e, ainda, à sua maneira de agir-docente. A complexidade aparente está em compreender que não deve haver interferências e nem modelos a serem seguidos, no sentido de como deve ser realizado o trabalho. Esse fato, ao mesmo tempo em que gera algumas inquietações nos professores, gera também o entendimento da necessidade de construção do caminho de cada um. Como consequência desses sentimentos e dessas atitudes, o início dos trabalhos com os alunos, com a pesquisa em sala de aula, pode não acontecer ao mesmo tempo com todos os professores.

Outro ponto que precisa ser destacado é a dificuldade apresentada pelos professores que é superar o excessivo uso do livro didático, próprio da prática da cópia da cópia, (utilizada ainda hoje na sala de aula) e a resistência para entender que os livros são recursos necessários, mas não exclusivos para a aprendizagem.

Diante dessa compreensão, a insegurança aumenta, e em vista disso, alguns professores sentem dificuldade na vivência da proposta de educar pela pesquisa, onde é preciso, para esses professores, um pouco mais de estudo e de entendimento. Como consequência desse fator, a evolução do processo acontece de forma progressiva e diferenciada.

Para eliminar a prática tradicional, e assim passar a atuar

com outra proposta, os professores precisam entender que a pesquisa pode se constituir noutra possibilidade de iniciar novo assunto, sem a conceituação inicial antes realizada. Através da pesquisa, o aluno descobre o que já existe sobre o assunto pela busca e não pela definição, e isso torna a aprendizagem bem mais interessante. Além disso, permite ao professor observar o confronto dos diferentes pontos de vista, manifestados pelos alunos, estabelecendo, dessa forma outro tipo de relação com o conhecimento. Em virtude disso, cabe ao professor, nesse momento, intervir apenas como mediador, eliminando o pensamento de que o aluno aprende como o professor imagina que deve aprender. Além de ficar explicitado que pesquisar é confrontar diferentes pontos de vista, para posteriormente reescrever uma nova idéia com mão própria.

Com isso, desfaz-se a idéia de que pesquisar é a mesma coisa que copiar. A educação e a pesquisa são aliadas, pois,

ambas condenam a cópia porque esta consagra a subalternidade; enquanto a pesquisa persegue o conhecimento novo, privilegiando com o seu método o questionamento sistemático crítico e criativo, a educação reage contra o mero ensino copiado para copiar; privilegiando o saber pensar e o aprender a aprender (DEMO, 1998, p. 9).

O trabalho com pesquisa exige, por parte dos professores, um envolvimento acompanhado do desejo de mudança. Todavia, isso só é possível se o exercício do diálogo, o desenvolvimento da autonomia e da capacidade argumentativa estiverem presentes em todos os momentos, aproximando professores e alunos no ambiente da sala de aula e como fator que contribui decisivamente para melhorar a expressão oral e escrita dos envolvidos.

Na vivência do trabalho com a proposta de educar pela pesquisa é possível compreender que aprender é sempre uma tarefa que acontece no encontro com o outro e que ao mesmo tempo em que é individual, é também uma tarefa coletiva. Ou seja, além de ser um processo permanente, tanto para o professor como para o aluno, aprender é aprender com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a vivência com a proposta de formação continuada com base no educar pela pesquisa, podemos afirmar que a simples alteração da proposta de trabalho em sala de aula não é suficiente para a transformação da sala de aula, pois o mais importante é ser capaz de perceber os movimentos que se instalam na sala de aula, nos professores e nos alunos. Tudo isso, são fundamentos que nos permitem ver a proposta de educar pela pesquisa, não como a única, mas como uma das possibilidades de alterar o fazer/docente em sala de aula, bem como as ações dos professores. Compreendemos, igualmente, que podemos fazer dessa proposta um ponto de partida para a busca de outros caminhos, persistentemente assentados sobre a reflexão pessoal dos professores e sobre a construção de argumentos, os quais, validados diante dos demais colegas, chegam a tornar-se práxis de vida.

Essas reflexões são resultado de nossas observações e constatações ao longo desta experiência. Por isso, afirmamos que o espaço da sala de aula se constitui em uma possibilidade que, ao mesmo tempo em que representa um desafio, é também um espaço de incoerência, devido ao fato de o professor, como ser humano, se apresentar como uma mistura complexa de capacidades e de contradições.

Apesar dos questionamentos, das dúvidas que ainda nos acompanham, podemos dizer após esta vivência com a proposta de educar pela pesquisa, passamos a ter outro olhar sobre as dificuldades dos professores, compreendemos melhor os movimentos de aprendizagem dos alunos em sala de aula. Por isso, buscar alternativas e se libertar de antigos padrões, é caminhar no sentido de adotar uma postura reflexiva sobre o fazer/docente diário.

A partir disso, defendemos a idéia de que o êxito da sala de aula gira em torno da competência e do compromisso do professor consigo mesmo, ao longo de sua profissão e de sua existência, o que justifica a constante evolução do trabalho em sala de aula e por conseqüência, a educação continuada dos professores.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro **Educar pela Pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1998.

MARQUES, Mário Osório. **Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí. Unijuí, 1995.

MORAES, Roque, **O diálogo crítico como princípio da educação pela pesquisa**. 1998. Mimeografado.

PERRENOUD, Philippe **A prática reflexiva no ofício de professor**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PICCOLI, Sonia Maria **Ensinar e Aprender pela Pesquisa: uma possibilidade de transformação de um grupo de professores**. Porto Alegre, 2002. Diss. Mestrado - Fac. Educação, PUC/RS.

Recebido em abril de 2006
Aprovado em junho de 2006